

Bullying: o principal vilão da boa convivência. (In) Formando uma equipe para o êxito!

Jordana Wruck Timm ¹

RESUMO - O bullying é todo tipo de agressão: física, verbal, emocional ou virtual. É um fenômeno antigo, mas cada vez adquire maiores dimensões e as consequências afetam as vidas das pessoas envolvidas e também suas aprendizagens. O objetivo do artigo é entender como se produz o processo de intimidação e como este afeta a convivência humana, bem como, apresentar as consequências deste “vilão” para a educação e a importância de (in) formar uma equipe em busca de soluções que possam impedir ou reduzir as agressões entre pares. A metodologia inicial ocorreu pela divulgação da mídia, onde se pode perceber que havia um fenômeno crescente nas escolas, então se decidiu buscar na realidade, a qual constatou o fenômeno. Com isto, deram início as buscas na bibliografia e realizou-se um levantamento de dados, com o intuito de verificar o entendimento dos envolvidos sobre o assunto. Com as informações obtidas concluiu-se que este é um trabalho árduo e impossível de realizar só, ou seja, para obter-se boa convivência entre todos e, conseqüentemente, êxito no logro das aprendizagens, se requer a participação da tríade que intervêm no processo educativo: escola, família e estudante.

Palavras-chave: Intimidação; equipe; convivência; aprendizagem.

Acoso Entre Escolares: él principal villano de la buena convivencia. ¡(In) Formando un equipo para el éxito!

RESUMÉN - *El acoso entre escolares es cualquier tipo de agresión: física, verbal, emocional o virtual. Es un fenómeno antiguo, pero cada vez adquiere mayores dimensiones, y las consecuencias afectan las vidas de las personas involucradas y también sus aprendizajes. El objetivo del artículo es entender cómo se produce el proceso de intimidación y como este afecta la convivencia humana, así como, presentar las consecuencias de este villano a la educación y la importancia de (in) formar un equipo en búsqueda de soluciones para evitar o reducir el acoso entre pares. La metodología inicial fue a partir de la revelación por medios de comunicación, donde se puede percibir que había un fenómeno creciente en las escuelas, entonces se decidió buscar en la realidad educativa, que demostró el fenómeno. Con esto, comenzó la búsqueda en la bibliografía y se realizó un estudio de los datos, con la intención de verificar la comprensión de los involucrados sobre el tema. Con las informaciones obtenidas se llegó a la conclusión que este es un trabajo arduo e imposible de realizar solo, o sea, para obtener buena convivencia entre todos y, por consiguiente, éxito en el logro de los aprendizajes, se requiere la participación de la tríade que intervienen en el proceso educativo: escuela, familia y estudiante.*

Palabras llaves: Intimidación; equipo; convivencia; aprendizaje.

¹ Aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Introdução

É fato que o *bullying* é um fenômeno antigo, inclusive como escrevem Guareschi e Silva (2008, p.15) “é tão antigo quanto a própria escola”, porém é necessário considerar que apesar disto, cada vez ele vem tomando maiores dimensões e poucos estão sabendo o que fazer, neste caso a família e a escola. Infelizmente, o fenômeno ainda é visto e entendido como “bobagens de crianças”, porém, vários estudos nesta área comprovam que suas consequências são devastadoras nos envolvidos com tal fenômeno. O artigo direciona-se a família e a escola como meio de (in) formação e aos pesquisadores e profissionais interessados em buscar entendimento a respeito do assunto.

Uma das falhas ocorrentes na busca de soluções ao *bullying* é acreditar que este seja um problema apenas da escola, ou então, quando a escola acredita ser a educação de casa ou a falta da mesma, culpada de tudo. Na verdade, este artigo vem justamente abordar esta questão, a respeito da incumbência de educar e como lidar com a questão da violência entre as crianças.

Por meio deste, também serão divulgados os resultados de uma pesquisa realizada, com o propósito de verificar a incidência de *bullying* dentre as crianças pré-escolares, com o intuito de comprovar a necessidade de pesquisas e buscas por estratégias, pois cada vez com mais incidência e mais cedo os casos ocorrem em nossa realidade. E, também, serão divulgadas respostas a questionamentos realizados com pais e professores, para mostrar os conhecimentos da tríade sobre o fenômeno, e enfim, será divulgado o resultado da busca bibliográfica, onde

conceitos e teorias poderão trazer a luz soluções preventivas e amenizadoras.

Metodologia e os primeiros resultados: esclarecendo o motivo das buscas

Para a escrita deste realizou-se a análise de uma pesquisa de campo feita com crianças pré-escolares para a escrita de uma monografia, uma pesquisa de campo feita com pais e profissionais da educação e levantamento bibliográfico, ambos de origem qualitativa, as quais serão detalhadas a seguir, juntamente com os resultados obtidos.

A primeira etapa condiz em analisar uma pesquisa de campo realizada para a escrita de uma monografia, para obtenção do título de Psicopedagoga (2010), a qual consistiu em pesquisar a incidência de casos de *bullying* com crianças atendidas na Educação Infantil, a escolha das crianças pesquisadas ocorreu pela participação das mesmas no Programa Primeira Infância Melhor (PIM), tendo em vista que a autora trabalhava neste programa e queria pesquisar o tema diante da realidade que presenciava. Os dados levantados serviram de estrutura para a construção da monografia de especialização em Psicopedagogia e achou-se necessário expressá-las aqui, como forma de demonstrar a necessidade de pesquisar sobre o fenômeno.

A pesquisa limitou-se a crianças de zero a seis anos, atendidas pelo Programa Primeira Infância Melhor, nos bairros Camponesa, Nova Esperança e Arthur Kraft, do município de São Lourenço do Sul/RS e que eram atendidas ao mesmo tempo pela escola de Educação Infantil. Por tratar-se de crianças, as entrevistas ocorreram por meio de diálogo, observações das crianças

em casa e na escola, e por relatos da família sobre o comportamento das mesmas.

É importante salientar aqui, o que foi analisado durante as observações, melhor dizendo, o que foi/é analisado como agressões/violência/*bullying*, como escreve Aranha (1998, p.186) “existe violência quando alguém voluntariamente faz uso da força para obrigar uma pessoa ou grupo a agir de forma contrária á sua vontade, quando os impede de agir de acordo com sua própria intenção, ou, ainda, quando priva alguém de um bem”, mas a questão do *bullying* vai mais além, é quando ocorrem estes casos de violência, mas de forma repetida, quando sempre um mesmo sujeito é alvo das agressões.

Nesta pesquisa² constatou-se que das crianças entrevistadas 80% estavam envolvidas em agressões, as quais se classificam em 30% as que sofrem, 20% as que agredem e 30% as que sofrem e agredem simultaneamente, entre as agressões mais ocorrentes com estes, estão: 13% agressão física, 13% por preconceito, 34% emocional e 40% agressão verbal. A partir destes resultados as curiosidades foram instigadas e o desejo por mudanças também, o que originou um estudo mais aprofundado referente ao tema e que não cessou após a escrita da monografia, na verdade esta suscitou buscar ainda mais entendimento sobre o fenômeno presente na realidade com que a autora atuava.

A segunda etapa refere-se a uma pesquisa de campo realizada com pais e profissionais da educação, com intuito de verificar a compreensão dos mesmos a respeito do fenômeno. Em contato

² Pesquisa realizada por Timm (2010).

com pais e profissionais da educação, pediu-se para responder um questionário de três perguntas, as quais foram feitas de forma oral, anotadas pela entrevistadora, com duração de dez minutos, em média, cada uma. Tendo um total de dez entrevistas, cinco com profissionais e cinco com os pais, todas realizadas em momentos e locais diferentes. As perguntas realizadas foram:

1_ Tu sabes o que quer dizer *bullying*? Expressa a tua opinião.

2_ Atualmente muito ouvimos falar do *bullying*. Tu, enquanto pai/ mãe/ responsável ou profissional da educação, entendes que ele é uma realidade em nossas escolas ou acreditas que é exagero da mídia, pois o problema sempre existiu, mas que agora está sendo mais divulgado?

3_ Na tua opinião, o que pode ser feito para prevenir ou amenizar as ocorrências de *bullying* no âmbito educacional?

Fonte: elaborado pela autora.

As perguntas foram abertas, mas os resultados obtidos foram analisados e agrupados por temas específicos, facilitando o entendimento da compreensão que os mesmos têm sobre o assunto.

Na primeira questão levantada pode-se observar que nem todos os pais possuem conhecimento da complexidade do *bullying*, onde se obteve os seguintes resultados: 20% interpretam como brigas, 20% não sabem do que se trata e 60% acreditam que são “briguinhas”

/apelidos. Ao serem realizadas as mesmas perguntas aos profissionais da educação, obteve-se as seguintes respostas: atos cruéis; agressão; violência; ofensa; intimidação; apelido; exclusão; e zombaria. O que demonstra determinado conhecimento a respeito do assunto, por parte dos profissionais, pois ao menos interpretam o fenômeno com atos que realmente fazem parte de seu repertório intimidador.

Com o segundo questionamento, quando são perguntados aos pais ou responsáveis, se o *bullying* é realidade ou exagero da mídia, obteve-se por respostas: 40% acreditam que é realidade nas escolas e 60% acham que é exagero da mídia. O que demonstra outro índice preocupante, pois neste caso a maioria acredita que é um exagero da mídia, como se não ocorressem casos nas escolas. Esta hipótese até poderia ser considerada, no caso de determinada escola não possuir índices, mas sabe-se que ocorrem. Então, estas respostas levam a pensar que os pais estão omissos ao que vem acontecendo na rotina de seus filhos, aparentemente não se tem o interesse em participar da vida escolar dos mesmos, e por este motivo, não ficam sabendo o que lhes acontece. Quando questionados os profissionais da área, estes em palavras diferentes, mas em unânime decisão, afirmam que o *bullying* é uma infeliz realidade nas escolas, embora com razão, percebe-se que muitos profissionais têm conhecimento do problema, mas não sabem o que fazer diante do mesmo.

E, para finalizar, a última questão levantada, discute sobre o que pode ser feito para prevenir ou amenizar as ocorrências de *bullying* no âmbito educacional, segundo a opinião dos pais/responsáveis 20% acredita na divulgação da

mídia, 20% não sabe o que poderia ser feito e 60% acreditam nas conversas como meio de prevenção e/ou amenização³. Pode-se observar através das respostas, que os pais e responsáveis pensam este ser mais um problema da escola para resolver e não da família, alegam que assuntos na mídia podem resolver, mas a maioria acredita no diálogo, mas respondem (mais especificadamente) como se fosse obrigação da escola realizar o mesmo com os alunos, assim como culpa dela a questão do crescimento constante da violência.

A mesma questão levantada para os profissionais obteve as seguintes sugestões: mais divulgação na mídia sobre o tema; trazer os pais para conhecerem a realidade, para participarem, ouvirem e entenderem do que se trata o *bullying* e de como podem reagir diante do fenômeno; o diálogo; a realização de debates; trazer profissionais para falarem sobre o assunto com os pais, professores e estudantes; realizar um projeto; confeccionar cartazes. As idéias são boas, e acredita-se que é um começo, ao menos se percebe em alguns casos, a vontade que a escola tem em trazer a família, para juntas buscar (in) formações, tendo em vista, que este é um dos principais caminhos a serem seguidos.

Sabe-se que a pesquisa não arrecadou um grande número de idéias, até porque este não era seu objetivo, e mesmo em pequeno número, notou-se a partir deste levantamento, a importância em realizar pesquisas sobre o assunto e buscar alertar a família e a escola para

³ As respostas foram mais extensas, não foram ofertadas estas opções, a pergunta foi aberta e apenas agrupou-se por temas para facilitar a compreensão das opiniões obtidas.

a compreensão do tema. Pretende-se com este artigo disponibilizar idéias, conceitos e teorias passíveis de por em prática e contribuir em busca de melhorias. A partir destes resultados, passamos para a próxima e última etapa da metodologia proposta para a escrita deste, a qual compreende no levantamento bibliográfico, o qual foi realizado buscando abordagens de teóricos e empíricos a respeito do fenômeno, buscando assim embasar cientificamente o mesmo, o qual poderá ser analisado nas próximas páginas.

Bullying: O principal vilão da boa convivência

O fenômeno deriva de um comportamento agressivo que é (re) construído, principalmente, em casa. Este comportamento tem relevância na formação moral do ser humano, provavelmente crianças que desde a gestação convivem em ambientes pacíficos, tenderão a manter tal comportamento mais adiante, ao contrário de quem convive em um ambiente agitado, agressivo, que provavelmente levará o seu modo habitual para a sua vida em sociedade.

Fante e Pedra (2008) escrevem que as crianças já tentam manipular seus pais desde a primeira infância e que por volta de dois anos é possível observar falta de limites e agressividade incontrolável, ainda relatam que as crianças passam por etapas, nas quais os pais precisam saber impor limites desde o início, caso contrário, determinados comportamentos farão parte de um repertório violento, agressivo, manipulador.

Acredita-se que tudo é uma questão de negociar, dizer apenas o “sim” torna a criança

imatura para a vida em sociedade e dizer apenas o “não” a deixa frustrada, é necessário saber dosar, e com muito diálogo dizer “sim” e “não” para determinados pedidos explicando sua resposta e as possíveis consequências para determinadas atitudes.

Esta questão da imaturidade e frustração para a vida em sociedade tem fator crucial em sua inserção com o meio, tendo em vista que a criança que tem tudo vai crescer acreditando que pode tudo em qualquer lugar, o que possa torná-la agressora, inicialmente quando um desejo seu for negado ou posteriormente pela necessidade, já a frustração gera o receio de pedir qualquer coisa, tendo em vista ser negado sempre, o que a poderá a fazer auto excluir-se, podendo tornar-se alvo das chacotas e demais agressões.

Neste mesmo sentido, Outeiral e Cerezer (2005, p.28) contribuem escrevendo que:

A falta de um continente familiar adequado, de um espaço e de um limite que criem as condições propícias para o desenvolvimento e para a estruturação da personalidade, poderá determinar uma atividade impulsiva, pouca tolerância à frustração e uma tendência ao *acting-out*.

Indivíduos com o comportamento agressivo sentem necessidade de agredir outrem, seja de maneira verbal, física, emocional, virtual, e então ele escolhe sua vítima, que geralmente é frágil, tímida, insegura, ou seja, com pouca probabilidade de se defender de tais agressões, muitas vezes, pela falta da coragem ou por crer não lhe creditarem tais reclamações.

Com estes distintos papéis em um mesmo ambiente, pode-se avaliar que não existirá uma boa convivência entre estes indivíduos, na verdade este é o principal motivo para não haver uma boa convivência, o que corresponde ao título

dado a este artigo. Com isto nos remetemos às palavras a seguir:

A intolerância, a ausência de parâmetros que orientem a convivência pacífica e a falta de habilidade para resolver os conflitos são algumas das principais dificuldades detectadas no ambiente escolar. Atualmente, a matéria mais difícil da escola não é a matemática ou a biologia; a convivência, para muitos alunos e de todas as séries, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida. (FANTE, 2005, p.91)

Mas, o que a convivência tem a ver com a educação? Na verdade, a educação faz parte da vida social e uma criança excluída socialmente, não terá o mesmo acesso a aprendizagem que os demais, justamente por conta de seu bloqueio, seu trauma vivenciado ou que esteja vivenciando com o *bullying* a deixará com barreiras a quase tudo e os principais resultados aparecem durante o processo de ensino/aprendizagem.

O papel da tríade neste processo

Sem dúvidas, sozinho não é possível chegar a lugar algum quando se trata de *bullying*. Por lidar com um fenômeno devastador, que acarreta consequências demasiadamente cruéis aos que sofrem deste, e por ter-se a consciência de que envolve vidas neste processo, é necessário o máximo de cuidado ao tentar realizar qualquer ato para a tentativa de encontrar soluções. Tendo em vista que os envolvidos não falarão nada a respeito, é necessária muita cautela, com a intenção de não subestimar a ninguém, pois se corre o risco de “pôr tudo a perder”, fazendo com

que as vítimas fiquem ainda mais receosas e os agressores ainda mais “valentes”⁴.

Nesta definição da falsa valentia, Winnicott (1987, p.89) afirma que “a agressão pode ser um sintoma de medo” e que:

O comportamento anti-social nada mais é, por vezes, do que um SOS, pedindo o controle de pessoas fortes, amorosas e confiantes. Entretanto, a maioria dos delinquentes são, em certa medida, doentes, e a palavra doença torna-se apropriada pelo fato de que, em muitos casos, o sentimento de segurança não chegou a vida da criança a tempo de ser incorporado as suas crenças. Winnicott (1987, p.122)

Este controle citado por Winnicott é essencial, e deve ser complementado com o que defendem Outeiral e Cerezer (2005, p.3):

A falta de “limites” na adolescência é consequência, em maior ou menor grau, de dificuldades dos adultos, pois nenhuma criança nasce com a noção de limites. Essa noção se desenvolve em um longo processo de identificação da criança e do adolescente com seus pais, inicialmente, e, depois, com os adultos que a sociedade disponibiliza como professores, artistas, desportistas, políticos etc.

Quando se escreve a respeito de negar a determinadas vontades e desejos, de impor limites, não se faz entender em ser autoritário, mas sim um mediador entre limitar o certo do errado, acredita-se na educação baseada em afeto e respeito, apenas isto gera confiança e segurança nas relações com as crianças. E, principalmente, a base para tudo em qualquer circunstância é

⁴ Termo utilizado pelos envolvidos com o *bullying*, mais especificadamente os agressores, está entre aspas, pois se acredita que é uma falsa idéia, na verdade os ditos valentões são os mais carentes, utilizam da força para sentirem-se no poder de/em algo.

ouvir, o diálogo e a atenção⁵, dada a este momento, são as principais estratégias para se alcançar grandes resultados.

Vian, Mosquera e Costa (1974, p.10) acreditam que:

Os seres humanos, embora obedeçam as mesmas leis, adquirem um comportamento que é único e que define a sua personalidade. Este comportamento está diretamente relacionado com as experiências levadas a efeito pelos indivíduos nos primeiros grupos de desempenho e tendo, conseqüentemente, através de reforços dos mais variados, adquirido sua consistência e repertório.

Em suma, este não é um caso de se resolver só, existe a necessidade de envolvimento da família, da escola e do estudante, a fim de encontrar saídas eficazes diante das agressões sofridas⁶. Buscando mais diretamente o papel da tríade na prevenção e/ou amenização do fenômeno, trazemos as contribuições de Winnicott e Dellors no que diz respeito à família.

Para Dellors (1998, p.111) “a família constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegura, por isso, a ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão dos valores e das normas”, e Winnicott (1981, p.251) defende que “a vida em família é o fator que oferece a melhor oportunidade de investigar a etiologia do transtorno de caráter; e de feito é a vida em família, ou seu substituto, o que permite que o caráter da criança se forme positivamente” e ainda garante que “a família- seja a família sanguínea da criança ou uma família ou comunidade substituta- é constantemente

submetida a prova, e quando desincumbe-se dessa tarefa com êxito passa a constituir o alvo preferencial dos anseios destrutivos da criança” (WINNICOTT, 1997, p.70).

Estas contribuições nos remetem a analisar a importância que a família tem na construção diária da formação do ser, grande contribuição vem dela, para uma personalidade mais pacífica ou agressiva, entende-se e acredita-se que educação vem de casa, de lá saem os primeiros ensinamentos e os mais importantes, que serão levados para toda a vida e que determinarão o futuro do indivíduo, mas também se ressalta que a escola tenha uma grande incumbência, segundo Maturana e Rezepka (2000, p.13):

A tarefa da educação escolar, como um espaço artificial de convivência, é permitir e facilitar o crescimento das crianças como seres humanos que respeitam a si próprios e os outros com consciência social e ecológica, de modo que possam atuar com responsabilidade e liberdade na comunidade a que pertencem.

E, Santander (2007, p.13) contribui:

A convivência se aprende, se vai construindo, e a escola pode e deve constituir-se em um lugar idôneo, para que os alunos aprendam as atitudes e condutas básicas da convivência e os docentes se realizem pessoal e profissionalmente, mas sobre tudo, deve ser um âmbito onde as pessoas distintas com interesses diferentes, possam encontrar-se e estar bem.

Além disto, tanto a família quanto a escola, devem ter um olhar atento a determinados comportamentos que os envolvidos possam vir a ter, como por exemplo: queda do rendimento escolar, desleixo com suas tarefas, desinteresse pela escola, queixas nos horários próximos a aula, mal estares, dores, sugere a troca de escola, aparenta medo da mesma, pede companhia, bem

⁵ O diálogo e a atenção dada a este é fundamental, tanto em casa, quanto na escola.

⁶ Quando se escreve saídas eficazes, leva-se em conta estratégias de prevenção e/ou amenização, já que não possui solução.

como, muda o trajeto com certa frequência, aparenta baixa auto-estima e percebem-se sinais de isolamento e de mudança de humor frequentes, ou ainda, apresenta marcas da intimidação, como roupas rasgadas, pertences quebrados ou perde com certa facilidade os mesmos.

Estes são sintomas comumente notáveis em vítimas de *bullying* e que devem ser analisados tanto em casa quanto na escola, bem como, uma criança desafiadora, com ar superior, hábil para reagir em situações constrangedoras, seguidamente consegue objetos sem justificativa de procedência, enfim, são sintomas de agressores e que também devem ser observados pelos responsáveis.

(In) Formando uma equipe para o êxito!

Segundo Piaget (1977, p.173-174) “[...] O sentimento de justiça, embora podendo, naturalmente ser reforçado pelos preceitos e exemplo prático do adulto, é, em boa parte, independente destas influências e não requer, para se desenvolver, senão o respeito mútuo e a solidariedade entre as crianças”. Diante do exposto anteriormente e das palavras de Piaget, percebe-se a importância da relação da tríade, mas cabe mencionar, como escrito inicialmente, que a família é a base para tudo, principalmente quando entrelaçadas ao respeito.

O ambiente familiar deve proporcionar a participação mútua, uma família estruturada no diálogo, permeada pelo afeto e pelo respeito oferece liberdade de expressão, o que facilita identificar um no outro, quando algo não vai bem.

Ao contrário, existem ambientes agressivos, onde a autoridade predomina, e tudo o que esta consegue é o medo de seus filhos; ambientes omissos dificultam a relação família/filho, pois parecem indiferentes com os fatos vivenciados pela criança; e existem aquelas famílias superprotetoras, que acreditam serem as melhores, pois protegem seus filhos de tudo e de todos, mas este é um puro engano, pois o que na maioria das vezes conseguem é capacitar os indivíduos a tornarem-se frágeis e inseguros, incapacitados a “andarem com as próprias pernas”, a conseguirem resolver seus conflitos. De acordo com o exposto, Chalita (2008, p.178) escreve “nem permissivos, nem autoritários, nem passivos, nem superprotetores. Na vida, tudo é uma questão de equilíbrio. Falar demais é um problema, e de menos também. Comer demais faz mal para a saúde, comer de menos também”.

E, seguindo nestas idéias, mas constatando o papel da escola e trazendo (in) formação para a mesma, cabe salientar que “o educador deve recorrer muito mais a reciprocidade do que à autoridade, que favorece mais do que qualquer imposição ou qualquer disciplina exterior, o desenvolvimento da personalidade moral” (PIAGET, 1973, p.79).

Considerando a questão moral, ainda nos remetemos a Coles (1998, p.37), quando afirma que “o mais persuasivo ensino moral que nós adultos podemos dar é pelo exemplo: o testemunho de nossa vida, nossa maneira de ser, de falar e de nos dar com os outros- tudo isso é absorvido lenta e cumulativamente por nossos filhos e filhas, por nossos alunos”. Neste mesmo sentido, Bronfenbrenner (1996, p.6) afirma que “aquilo que importa para o

comportamento e o desenvolvimento é o ambiente conforme ele é percebido, e não conforme ele poderia existir na realidade”, o que nos remete a pensar na importância do exemplo e do diálogo, a criança vivencia e leva para sua vida o que presencia, de nada adianta falar e não fazer, a criança precisa sentir.

Contribuindo com esta idéia, Cubas (2006, p.206) escreve “é necessário estabelecer padrões de limite e de respeito mútuo. Trata-se de algo que é adquirido na prática cotidiana de relações cordiais, fundamentadas no diálogo, que só se torna possível quando vivido e exercido”.

Com estas fundamentações teóricas, pode-se concluir que para (in) formar uma equipe de êxito para a prevenção ou amenização de casos de *bullying* é necessário um trabalho envolvendo a tríade, apenas vão-se obter resultados satisfatórios, quando os pais entenderem que esta não é uma tarefa apenas da escola, mas de casa também, como o contrário, a escola entender que é função dela e da família.

Propiciando uma “troca” entre a família e a escola, certamente poderão ser observados resultados positivos nos alunos/filhos, ou seja, a construção deste ambiente auxiliará na troca entre as crianças também, o que auxilia no convívio e vem a trazer resultados tanto para a aprendizagem, quanto para a vida dos que estavam/ estariam envolvidos com o fenômeno.

Considerações

Diante dos dados obtidos com a análise da pesquisa de campo com crianças, da pesquisa de campo realizada com profissionais/pais e das buscas bibliográficas, pode-se observar o modo

com que evolui, em números e casos, o *bullying* nas escolas, e que é necessário, cada vez mais a atenção para este fenômeno em constante crescimento, em busca de amenizar as situações e até preveni-las.

Percebeu-se também, que este não é um trabalho de se realizar só, mas que existe a necessidade de um trabalho árduo e em equipe, onde estudantes/filhos tenham a liberdade de se expressarem, convivendo em um ambiente harmonioso e permeado pela troca, participação, que este local seja estruturado, sobretudo, no respeito. E os pais e professores precisam entender que o *bullying* ocorre tão próximo, que muitas vezes nem se imagina, e que por isso a necessidade de um olhar atento sobre as crianças, que rigidez, agressividade, omissão dos fatos de nada adiantará, precisa-se educar no diálogo, no afeto e no respeito, construindo e permitindo, desta forma, um futuro melhor. Não pode a família ou a escola resolver sozinha o que fazer diante do fenômeno, mas sim, deve-se a tríade (família, escola e estudante) junta encontrar os meios para a pacificação, garantindo desta forma, a boa convivência entre todos, e principalmente (neste caso), no âmbito educacional.

Concluimos com a contribuição de Aranha (1998, p.189) que defende: “mesmo se considerarmos a violência um fenômeno de todos os tempos e lugares- seria ilusão imaginar um mundo em que ela tivesse deixado de existir”, sabemos que isso é real, mas, sobretudo acreditamos na educação como meio de prevenir e/ou amenizar os casos de violência nas escolas, e assim como Gorczewski e Tauchen (2008, p.70) afirmam: “fica evidente a importância da educação. Ela torna as pessoas mais preparadas

para a vida, para a convivência e para a reivindicação de seus direitos”, acreditamos que através dela e dos conhecimentos a respeito do

Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de filosofia**. 2ª Ed. São Paulo: Moderna, 1998;

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996;

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da Amizade: Bullying**- O sofrimento das vítimas e dos agressores. 2ª Ed. São Paulo: Gente, 2008;

COLES, Robert. **Inteligência moral das crianças**: ajude seu filho a ser generoso e bem estruturado. Tradução Sonia T. Mendes Costa. Rio de Janeiro: Campus, 1998;

DELLORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. Cortez, São Paulo, MEC: UNESCO: Brasília, DF, 1998;

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Verus, 2005;

_____; PEDRA, José Augusto. **Bullying Escolar**: perguntas e respostas. São Paulo: Artmed, 2008;

GORCZEWSKI, Clovis; TAUCHEN, Gionara. Educação em direitos humanos: para uma cultura da paz. **Educação**, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 66-74, jan/abr 2008;

GUARESCHI, Pedrinho; SILVA, Michele Reis da. **Bullying**: mais sério do que se imagina. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007;

MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis de. **Formação humana e capacitação**. 2ª Ed. Tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000;

assunto, escola e família, poderemos alcançar resultados bons em busca de uma sociedade mais justa.

OUTEIRAL, José; CEREZER, Cleon. **O mal estar na escola**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2005;

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: J. Olympio, 1973;

_____. **O julgamento moral da criança**. Tradução de Elzon Lenardon. São Paulo: Mestre Jou, 1977;

RUOTTI, Caren; ALVES, Renato; CUBAS, Viviane de Oliveira. **Violência na escola**: um guia para pais e professores. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006;

SANTANDER, Alejandro Castro. **Violencia silenciosa en la escuela**: dinámica Del acoso escolar y laboral. 2ª Ed. Buenos Aires: Bonum, 2007;

TIMM, Jordana Wruck. **Bullying**: uma realidade escolar desde a primeira infância (da educação infantil às séries iniciais). 2010. 100p. Monografia apresentada como pré requisito para conclusão do Curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Portal Faculdades- Instituto Educar Brasil, São Lourenço do Sul, 2010;

VIAN, Itamar Navildo; MOSQUERA, Juan José Mouriño; COSTA, Rovílio. **Personalidade e ciência social**. Porto Alegre: Sulina, 1974;

WINNICOTT, D. W. **El proceso de maduración en el niño**. Tradução Jordi Beltrán. 3ª Ed. Barcelona: Laia, 1981;

_____. **A família e o desenvolvimento individual**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 1987;

_____. **Privação e delinquência**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Artigo submetido em junho de 2011

Aceito em dezembro de 2011